

ARTUROS, A COVID E EU: ESCREVIVÊNCIAS DO CAMPO

Hellen Cordeiro Alves Marquezini¹

SOBRE COMEÇOS...

*Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira.
Ouço muito.
Da voz outra, faço a minha, as histórias
também. [...]
Portanto essas histórias não são totalmente
minhas,
mas quase que me pertencem, na medida em
que,
às vezes, se (con)fundem com as minhas.
Invento? Sim, invento sem o menor pudor.
Então essas histórias não são inventadas?
Mesmo as reais, quando são contadas. [...]
E, quando se escreve,
o comprometimento (ou o não
comprometimento)
entre o vivido e o escrito aprofunda mais o
fosso.
Entretanto, afirmo que, ao registrar estas
histórias,
continuo no premeditado ato de traçar uma*

¹ Doutoranda em Administração de Empresas (Fundação Getúlio Vargas, Brasil).
<http://lattes.cnpq.br/7413028541159987>. <https://orcid.org/0000-0002-9511-1955>.
hellenmarquezini@gmail.com. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.



escrevivência.

(Evaristo, 2011, p. 8).

Neste artigo, objetiva-se relatar como se desenvolveu meu processo de implicação com a Comunidade Quilombola dos Arturos, durante a construção da minha dissertação realizada no período pandêmico. Como eu cheguei até Arturos? Como Arturos chegou até mim? Como essa relação se desenvolveu no contexto da pandemia da COVID-19? Torna-se necessária essa explanação para melhor compreensão de como ocorreu a construção da pesquisa durante a pandemia, uma vez que influenciou diretamente nos caminhos metodológicos e de coleta de dados adotados. Trata-se também de uma vivência importantíssima na minha história, e, sem querer ser pretensiosa, entendo também que há efeitos na história dessa comunidade.

Arturos está localizada em Contagem/MG e tem como marco zero Artur, antepassado que dá nome à comunidade que se encontra na quinta geração. Para a compreensão dessa organização, e dos sujeitos que dela fazem parte, utilizei da abordagem da psicossociologia – que entende que os aspectos subjetivos interferem no contexto social e que a dimensão coletiva produz efeitos na experiência individual (Rheume, 2009).

Este registro parte de dois conceitos fundamentais em pesquisa psicossociológica: demanda, “um desejo de mudança (...) de uma solicitação endereçada (...) relativa geralmente a uma situação problema” (Carreteiro & Barros, 2014, p. 107) e implicação, “o interesse pelo objeto da intervenção, por seus sujeitos, pelas questões que os atravessam individual e coletivamente” (Carreteiro & Barros, 2014, p. 106). Em relação à demanda, entende-se como uma demanda implícita (Carreteiro & Barros, 2014), pois se trata de uma questão de pesquisa demandada por mim enquanto pesquisadora, que, à medida que eu me encontro com Arturos e esta questão ecoa pelo grupo causando reflexão nos sujeitos, passa a ser uma questão para eles também. Em relação à implicação,

quando faço esta escrevivência estou totalmente implicada no processo: a escrevivência por si já é a descrição da minha implicação.

Para registro do tempo presente, do contexto em que a pesquisa foi realizada e para explicar como ocorreu o encontro desta pesquisadora com Arturos, tomei a liberdade de utilizar a escrevivência (Evaristo, 2020), da qual me apropriei para discorrer neste. “Escrever significa, (...) contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas” (Soares & Machado, 2017, p. 206), utilizando minha voz para subverter o espaço que a Casa Grande espera que eu ocupe (Evaristo, 2007), ao mesmo tempo em que reconstruo minha identidade de mulher negra.

Para tanto, além da minha memória e lembranças, recorri aos registros do meu Diário de campo, mensagens trocadas em aplicativo de mensagens instantâneas e fontes documentais como jornais e websites. Os nomes dos sujeitos que perpassaram o período relatado na escrevivência – novembro de 2019 a abril de 2021 – foram preservados, utilizando-se o lugar social em que convivemos para designá-los. As fotografias foram utilizadas para ilustrar a escrevivência e rememorar os eventos.

Importante ressaltar que esse registro é relevante na medida em que percorrerá, sob a minha perspectiva, a vivência da Comunidade Quilombola dos Arturos durante a pandemia da COVID-19: do nosso primeiro contato até sua imunização. Trata-se de um importante registro histórico, considerando a gravidade do cenário pandêmico, a relevância das CRQ enquanto sujeitos de pesquisa e a importância de Arturos dos pontos de vista humano, material e imaterial. Entendo que se trata de uma devolutiva valiosa para a comunidade, uma vez que, para Arturos, era a vida acontecendo e, aqui, entrego essa vida documentada.

A JORNADA ATÉ O AQUILOMBAMENTO

A primeira vez que Arturos surgiu durante meu percurso no mestrado, foi em 13 de novembro de 2019. Uma amiga e colega de estudos (Mestrado Luiza) me enviou uma reportagem do Jornal Estado de Minas que noticiava o resgate da caminhada do “Seu Mário”, benzedor dos Arturos, por alunos da rede particular de ensino da cidade de Contagem, levando-os às finais da Olimpíada da História do Brasil. À época, meu tema de pesquisa não estava definido, mas o método da história de vida sim e foi isso que a levou a me encaminhar a reportagem.

[13:51, 13/11/2019] Mestrado Luiza.:

www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/08/17/interna_gerais,1077867/v-ida-de-benzedor-dos-arturos-pode-se-transformar-em-premio.shtml

[15:19, 13/11/2019] Mestrado Luiza.:

É q lembrei de vc na hora

É sobre os Arturos, o quilombo aqui de Contagem.

Gosto de pensar que ela já tinha visto algo na minha caminhada que eu ainda não havia percebido. Isso ficou evidente nas semanas seguintes, quando houve a definição de que minha pesquisa seria realizada em uma CRQ. Deu um clique! Era o que eu buscava para a pesquisa e até então não havia encontrado.

[20:41, 04/12/2019] Prof.: Tá curtindo o tema né?

[20:41, 04/12/2019] Pesquisadora: demais

[20:42, 04/12/2019] Pesquisadora: é tanta coisa

[20:42, 04/12/2019] Pesquisadora: é tanta memória

[20:42, 04/12/2019] Pesquisadora: é tanta vida sabe

[20:43, 04/12/2019] Pesquisadora: olha isso que eu achei lendo aqui:

Matuzinha, também do quilombo do Sapé, nos descreve a forma como é resgatada a memória: “A história quando ela não é escrita, ela é narrada de uma forma, muitas vezes a gente narra aquilo que a gente sabe, com aquilo que a gente imagina.” E completa:

“O nome Quilombo é a toa? Não. É porque tem história”².

[20:43, 04/12/2019] Pesquisadora: que coisa bonita

[20:43, 04/12/2019] Pesquisadora: vou lendo e chorando rs

Desde o início ficou evidente para mim que não seria fácil conduzir esta pesquisa. Além da ansiedade pelo desconhecido (afinal, eu nunca tinha estado num quilombo), havia também toda a minha vivência enquanto mulher preta. Pesquisar questões raciais, desde o começo, apresentou-se desafiador, porque quanto mais eu mergulhava no assunto, mais as emoções afloravam, afinal, a teoria era minha vivência, impossível me afastar enquanto sujeito do meu eu pesquisadora.

Em três de fevereiro de 2019 minha temática de pesquisa foi definida e foi sugerido um primeiro quilombo em que a pesquisa pudesse ser realizada. Foi marcada uma reunião de orientação para dois dias depois, onde eu apresentaria um rascunho inicial do projeto. No dia quatro de fevereiro de 2019 veio o primeiro desabafo “não consigo escrever um projeto pq quanto mais leio mais envolvida eu fico” (Diário de campo).

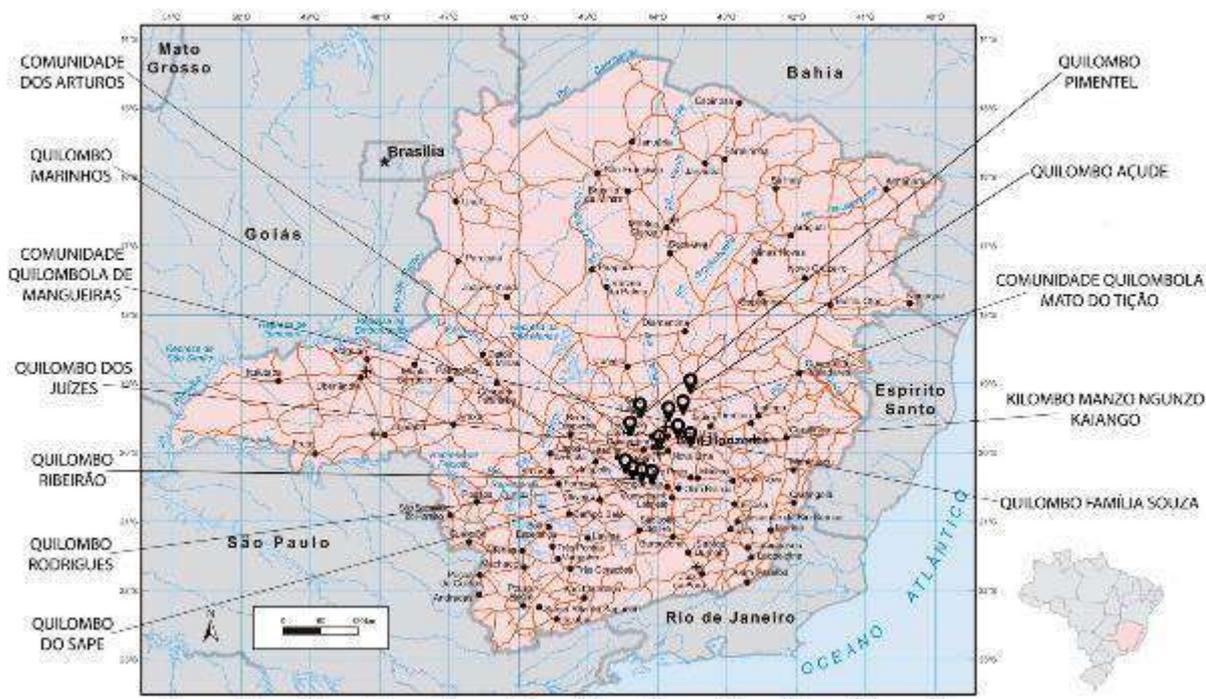
No dia seguinte, Mestrado Luiza e Mestrado Zeferina madrugaram comigo (sim, iniciamos os trabalhos às 5h09 do dia cinco de dezembro de 2019) para discutirmos minhas ideias e sintetizá-las para o papel. Uma hora depois, eu estava com a primeira versão do sumário estruturada e ideias melhor delineadas (já dizia Emicida: “Quem tem um amigo tem tudo”!). Fui para a reunião de orientação confiante, foi um ótimo encontro e ficou definido que eu deveria conhecer um quilombo e fazer um mapeamento prévio do campo para identificação de possíveis quilombos para, após aprovação pelo CEP, realizar esta pesquisa. “Acho que agora é mergulhar de alma nessa história, que é minha tbm...” (Diário de campo, cinco de dezembro de 2019).

² PIAZZI, B. & MUNIZ, P. (2019). Crime da Vale em Brumadinho atingiu comunidades quilombolas. *Esquerda Online*. Recuperado em 13 fevereiro, 2019 de: <https://esquerdaonline.com.br/2019/02/13/crime-da-vale-em-brumadinho-atingiu-comunidades-quilombolas/>

Iniciou-se assim a busca por Comunidades Remanescentes Quilombolas na região metropolitana de Belo Horizonte que realizassem visitas públicas para que eu pudesse experienciar um quilombo e mapear informalmente possíveis comunidades que pudessem acolher este estudo. Foram mapeadas 12 Comunidades a partir dos dados públicos disponíveis no Portal da Fundação Cultural Palmares (Figura 1). Também em dezembro de 2019, foi descoberto na China um novo Coronavírus (família de vírus que causam infecções respiratórias), denominado posteriormente como COVID-19. Essa informação é importante, porque ela mudou toda a trajetória desta pesquisa.

Figura 1

Comunidades Remanescentes Quilombolas Região Metropolitana de BH



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Desse mapeamento emergiram, após consultas na internet, três comunidades que realizavam visitas públicas, dentre as quais Arturos e o quilombo sugerido em três de dezembro de 2019. Fui contatá-los. Depois de 15 dias ainda não havia tido sucesso. Meu contato no quilombo um não conseguia agenda para irmos até

lá. Encaminhei também e-mails para outras duas pesquisadoras que atuaram em quilombos. Insucesso novamente. Recorri a Mestrado Luiza que havia realizado, durante sua graduação, um projeto de extensão no Quilombo dos Arturos e conhecia os responsáveis pela comunidade. Em 27 de dezembro de 2019 ela me forneceu o telefone do responsável pela organização/recepção das visitas na comunidade e combinamos que ela intermediaria minha visita na comunidade após as festas de fim de ano.

[21:07, 27/12/2019] Mestrado Luiza: Tem muitos anos q fui lá

[21:07, 27/12/2019] Mestrado Luiza.: Vai ser gostoso voltar

[21:07, 27/12/2019] Pesquisadora: E eu tô animada demais

Pq é tudo novo

[21:08, 27/12/2019] Pesquisadora: Sabe aquele frio na barriga do desconhecido?

É esse rs

O ano de 2020 chegou e eu ainda sem contato com quilombos. O telefone que tínhamos de Arturos estava desatualizado e não conseguimos agendar a visita. Você pode estar se perguntando por que não fui diretamente até lá? Bom, eu sempre pensei que lá é a casa de alguém e que é indelicado aparecer sem avisar. Para mim era (e ainda é) desrespeitoso. Uma certeza que eu tinha para essa pesquisa (e ainda tenho) é o respeito que deveria ser dado à comunidade que acolhesse este estudo. Para mim era (e ainda é) inconcebível roubar essa história (porque foi exatamente o que os colonizadores fizeram). Eles precisavam se sentir confortáveis para compartilhar e, para isso, uma relação precisava ser estabelecida. Mas como estabelecer uma relação sem contato? Isso gerou bastante ansiedade.

Sabe o que é mais difícil da pesquisa?

Os contatos!

Tá difícil esse contato no quilombo.

E uma coisa que eu percebi é que as pessoas que trabalham com quilombo não gostam de dividir os contatos pq é algo muito único...

essa ideia de conhecimento exclusivo é complicada, o conhecimento é pra ser compartilhado (Diário de campo, 22 de janeiro de 2020).

NO MEIO DA PANDEMIA, TINHA UM QUILOMBO

Março de 2020

Eu estava de férias do meu trabalho da época quando realizei uma viagem para o exterior que estava agendada há um ano. Tivemos receio de viajar, afinal os casos de COVID-19 já estavam pipocando na Europa. Mesmo com medo, decidimos ir. Retornei ao Brasil no dia 15 de março. Dia 17 estouraram casos de COVID-19 em território nacional (até o momento não nos contaminamos e somos dos times #acreditonaciência #vemvacina). Dia 18, fui autorizada a trabalhar remotamente por ter retornado de viagem ao exterior. Dez dias depois, a autorização foi prorrogada por eu ser grupo de risco. Esse período inicial me remete sempre a desinformação: foi um caos, as notícias chegavam sobrepostas, muita inação governamental e o desespero posterior com a escalada do número de mortes na China e na Itália.

Os primeiros meses da pandemia foram bem difíceis, porque foi uma adaptação complicada. Criamos toda uma rotina de desinfecção para a entrada em casa (meu marido continua trabalhando presencialmente). Também precisei me adaptar à nova realidade do home office para não cair na cilada de “dormir no trabalho”. Os meses se passaram e a realidade permaneceu. Então, não dava para protelar e a pesquisa precisava sair. A qualificação estava batendo na porta.

Meu caminho se cruzou efetivamente com Arturos em junho de 2020. Após finalizado o projeto para qualificação, foquei minhas energias em busca de uma CRQ com que eu pudesse estabelecer um contato. Minha sorte virou quando em oito de junho de 2020 eu encontrei uma reportagem com o telefone celular de um membro de Arturos. Vibrei! Imediatamente enviei mensagem perguntando sobre visitação e me passaram o telefone da responsável. Falamos por mensagem

no mesmo dia. Marcamos um encontro virtual para 16 de junho de 2020. Foi afinidade imediata! E, mesmo que virtualmente, houve acolhida. Centramos esse encontro em nos apresentarmos e nos conhecermos. E, ainda nesse momento, fui informada da impossibilidade de visita presencial na unidade. A contaminação estava avançando na região e eles estavam definindo as melhores estratégias para proteção. “Espero que esse momento de pandemia passe o quanto antes para poder conhecê-los e vivenciar o congado, que é lindo em Arturos.” (Diário de campo, 17 de junho 2020). Contudo, apesar da pandemia, Arturos se mostrou receptiva a realização deste estudo com eles e em 22 de junho de 2020 o termo de anuência da pesquisa foi-me entregue assinado, sendo submetido o CEP em 23 de junho 2020.

Os dados de alastramento da COVID-19 no Brasil naquele junho já eram alarmantes: no dia 22, data da assinatura do termo de anuência da pesquisa por Arturos, havia o registro de 50.671 mortes e mais de um milhão e 80 mil infectados. Tanto as secretarias de saúde estaduais, quanto o próprio Ministério da Saúde mostraram-se ineficientes na atenção específica em relação às comunidades negras, desconsiderando o quesito racial no levantamento de informações epidemiológicas, o que também se aplicou nas Comunidades Remanescentes Quilombolas. A invisibilidade do avanço da doença em territórios quilombolas revelou-se uma situação potencialmente drástica, em um cenário que tendia a se agravar exponencialmente com consequências sociais e econômicas na vida destas famílias.

Ante a ineficiência do Estado na consolidação dos dados epidemiológicos sobre o contágio nas CRQ, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), em conjunto com o Instituto Socioambiental (ISA), desenvolveu um observatório online, o Quilombos Sem COVID-19, para monitoramento autônomo dos casos de doença junto aos territórios quilombolas em que atua. De acordo com monitoramento deste observatório, até 22 de junho de 2020 haviam sido notificados: 723 casos

confirmados, 190 casos monitorados, 84 óbitos. Esses dados apontavam que a taxa de letalidade da COVID-19 entre os quilombolas era quase três vezes maior em comparação com a taxa nacional (11,61% x 4,6%), desconsiderando a subnotificação de casos em ambos cenários (CONAQ, ISA, 2020; Valente, 2020). Além dos problemas oriundos da contaminação da COVID-19 e os impactos nas CRQ, a CONAQ apontou que diversos quilombos apresentaram dificuldades em relação ao acesso à renda básica emergencial, especialmente no que toca à acessibilidade dos procedimentos de cadastramento via aplicativo e falta de ações dos governos estaduais e municipais no sentido de atender demandas emergenciais dos quilombos. Também houve denúncias de negligência por parte de governos locais, como a falta de assistência básica, e não havia medicamentos nem visita de equipes de saúde nas comunidades (CUT, 2020).

Nesse contexto, uma proposta de marco legal foi suscitada por movimentos sociais: o Projeto de Lei 1.142/2020, destinado especificamente ao atendimento das necessidades emergenciais das comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas. O projeto previa, inicialmente, uma série de ações governamentais para enfrentamento desse cenário de alto nível de infecção e mortalidade no âmbito dessas comunidades. As CRQ e os entes que atuam para proteção de seus interesses pressionaram o Governo Federal e, após pressão política, em 16 de junho de 2020 houve a aprovação do projeto pelo Senado, mesma data do meu primeiro encontro com Arturos. Contudo, o projeto sofreu vários vetos pelo atual presidente da República, os quais incluíam a desobrigação do Estado em garantir o acesso das aldeias e comunidades tradicionais à água potável, em fornecer materiais de higiene e desinfecção, ofertar emergencialmente leitos em hospitais e UTI a essa população e distribuir cestas básicas.

A chegada da pandemia afetou muito a vida da Comunidade Quilombola dos Arturos. Além da preocupação com a contaminação e disseminação do vírus na comunidade, havia também a preocupação com familiares residentes fora da comunidade e o trânsito de pessoas externas em seu território. Para se proteger

do vírus, a comunidade elaborou estratégias individuais e coletivas para enfrentamento da pandemia, as quais, ao mesmo tempo em que particulares, refletiam também os desafios enfrentados por essas organizações em todo o país. Entendi ser urgente compreender os impactos da pandemia em Arturos, primeiramente para entendimento dos reflexos na vida da comunidade, seguido do mapeamento de cenário a enfrentar na coleta de dados quando da aprovação da pesquisa pelo CEP. Assim, contatei em 29 de junho de 2020 a responsável pela comunidade, para agendarmos um encontro virtual em que fosse possível conversarmos sobre a vida deles na pandemia. Minha ansiedade era: “Arturos são de uma preciosidade, enquanto pessoas, enquanto memória e enquanto história. Como eles estão?” (Diário de campo, 29 de junho 2020). Conversamos no dia 30 de junho de 2020.

Desde a publicação do estado de calamidade em saúde pública no município de Contagem, a Diretoria da Comunidade realizou um trabalho de orientação quanto aos cuidados de prevenção e isolamento social: membros da comunidade que atuam na área da saúde se voluntariaram e visitaram todas as casas da comunidade fornecendo informações sobre a transmissão da COVID-19 e os meios de prevenção. Também foram distribuídos kits de limpeza e álcool em gel para os grupos de risco e máscaras caseiras para todos.

Identifiquei logo nessa conversa que a comunidade até o momento não havia recebido suporte governamental para enfrentamento da pandemia, pouco havia sido feito nesse sentido. A comunidade, enquanto Patrimônio Cultural do Estado de Minas Gerais, havia sido procurada pela IEPHA e pela Secretaria de Cultura Municipal para levantamentos de necessidades alimentares, mas nenhuma ajuda, de fato, ainda havia sido prestada pelo poder público. Ocorreu o fornecimento de cestas básicas por meio de parcerias com associações da sociedade civil, cujo apoio já era realizado em momentos anteriores à pandemia. Para distribuição dessas cestas, a Diretoria da comunidade mapeou todas as famílias e priorizou a distribuição para 1) famílias com chefes de família desempregados; 2) família com

idosos e doentes; 3) família com crianças e 4) demais famílias. As cestas foram recebidas na igreja da comunidade e solicitaram que as famílias contempladas fizessem a retirada na hora agendada, para evitar aglomerações. Importante destacar que Arturos ainda se colocava como bastante privilegiada, em função da sua localização urbana e por ser patrimoniada, já que tinham relatos de outras comunidades numa situação bem pior, que, além de muito distantes, ainda não haviam recebido nenhum apoio material.

Essa realidade acerca das comunidades mais afastadas foi amplamente denunciada nos meios de comunicação. Em função da sua localização urbana, os membros de Arturos têm acesso – ainda que, por vezes, precário – à saúde pública e à benefícios no campo da assistência social, como o Bolsa Família. Entretanto, queixavam-se da ausência de políticas específicas voltadas ao povo quilombola, políticas que respeitem as suas particularidades. Assim, pairava o medo da própria preservação da comunidade, de suas tradições e história, pressões já sentidas há muito tempo, que se agravaram intensamente nesse contexto da COVID-19.

Passados quase três meses de duração da pandemia no país, Arturos implantou algumas decisões comunitárias no sentido de proteger-se e, principalmente, para preservar a vida dos mais velhos. Esse cuidado com os anciãos se estende a todos aqueles que compõem este grupo porque, nas comunidades tradicionais, as pessoas mais velhas são consideradas lócus da memória e da história, sendo valorizadas como patrimônio a ser preservado (Xavier & Franzoni, 2016). O primeiro passo foi o fechamento da comunidade para visitas de externos em busca de benzeção (Figura 2). Essa é uma tradição que é realizada por um dos patriarcas do quilombo, filho do fundador, havia (há), portanto, uma grande preocupação quanto ao risco do seu adoecimento. Para tanto, uma faixa foi colocada logo acima da entrada principal da comunidade (posteriormente foram afixadas outras faixas nos demais acessos da comunidade), avisando aos visitantes sobre a interrupção das atividades (Figuras 3 e 4). Mas houve

dificuldade de aceitação tanto das pessoas externas, quanto do próprio patriarca-benzedor (um dos mais velhos da comunidade), que, apesar dos comunicados, permaneceram adentrando no território da comunidade.

Figura 2

Entrada Principal da Comunidade Quilombola dos Arturos



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

Figura 3*Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos*

Fonte: Jornal Correio Brasiliense.

Figura 4*Entrada Alternativa Comunidade Quilombola dos Arturos*

Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

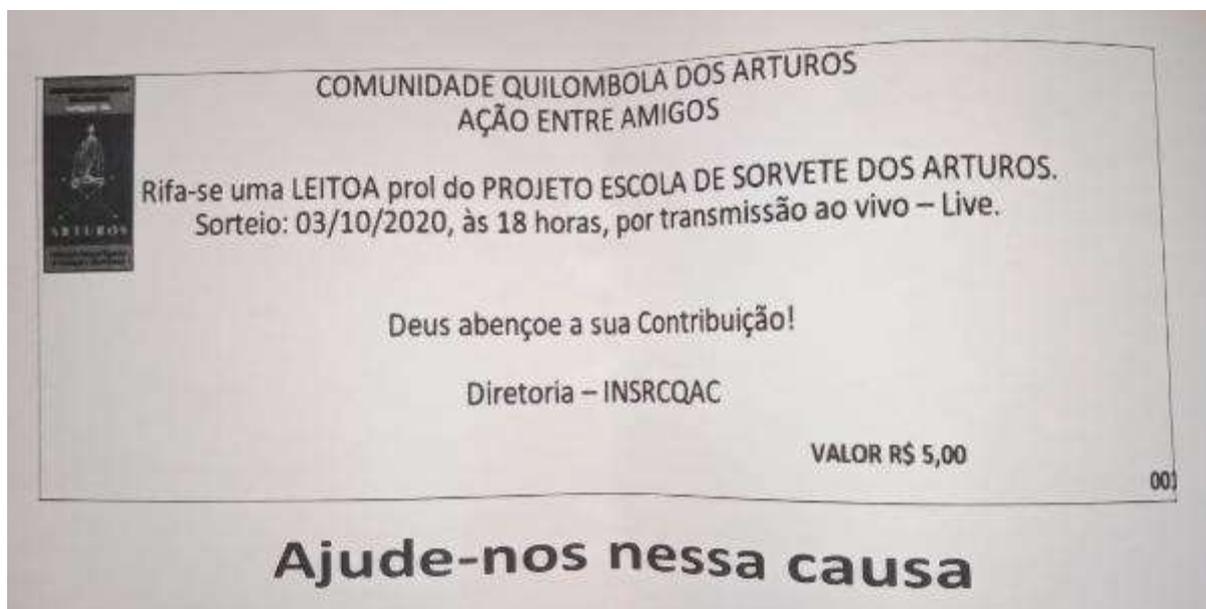
Ficou claro nesta conversa que, dentre os efeitos da pandemia mais sentidos na comunidade, havia o grande temor e desamparo sentido pelos membros pela interrupção das festividades, na medida em que uma das principais características da vida comunitária é o compartilhamento das áreas comuns, reuniões e, como já citado, a realização das festividades (Paixão, 2014). Essa noção de vida comunitária é algo muito particular à organização quilombola e remonta aos seus traços originários de junção e apoio mútuo para sobrevivência e resistência. Essa convivência intensa e cotidiana, em tempos de pandemia, entretanto, significa a potencialização dos riscos de contaminação. Para a continuidade das festividades comunitárias – que são elementos fundamentais para a manutenção das tradições quilombolas – Arturos se reinventou. Na prática, houve mudanças na quantidade de pessoas envolvidas em cada ocasião, com preferência pela participação de membros mais jovens e por alterações nos modos de fazer as rezas e cantos.

O contato com Arturos permaneceu. Encaminhavam-me as reportagens feitas com eles, tanto de jornais, quanto televisivas. Convidaram-me para ouvir as *lives* que participariam. Em oito de setembro de 2020 este estudo foi aprovado pelo CEP. A aprovação chegou em excelente hora: em 10 de setembro 2020 fui convidada para visitar a comunidade e participar de uma missa para Nossa Senhora de Aparecida no dia três de outubro de 2020! Meu coração explodiu e ao mesmo tempo gelei: “eles farão a missa pra substituir a festa que não poderão fazer pra Nossa Senhora de Aparecida. Nossa, era tudo que eu queria, mas que medo! O risco de pegar covid daí” (Diário de campo, 10 de setembro de 2020).

No dia seguinte à aprovação do meu projeto pelo CEP, outra boa notícia apareceu: a CONAQ e cinco partidos políticos (PSB, PSOL, PCdoB, Rede Sustentabilidade e PT) impetraram uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 742, com o objetivo de assegurar o direito constitucional de preservação da vida e saúde quilombola, neste caso em específico, tratando-se do enfrentamento à pandemia da COVID-19, uma vez

que, mesmo após várias tentativas de diálogo com o Estado brasileiro, não foi assegurada em sua totalidade a assistência à população quilombola. No documento, solicitam a interferência da Suprema Corte para que seja garantido o acesso às medidas de proteção recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que determine à União a elaboração e a implementação de um plano nacional de combate aos efeitos da pandemia da Covid-19 nas comunidades quilombolas.

Em 18 de setembro de 2020, pedi indicações de pessoas com quem eu pudesse conversar para coleta da história de vida da comunidade. Recebi sete contatos. No período de setembro a outubro de 2020, foram realizadas entrevistas com cinco pessoas, que são os sujeitos de pesquisa cujas falas comporão a análise desta pesquisa. Os dois participantes que não entrevistei informaram que não estavam vivenciando um bom momento com a pandemia, havia um familiar internado e, por isso não estavam se sentindo confortáveis para conversar. Obviamente, respeitei e respeito o desejo deles. Acredito que essas conversas e a forma como elas aconteceram contribuíram para o fortalecimento dos laços com a comunidade. Em 22 de setembro de 2020, fui convidada para colaborar com uma rifa para um projeto social dos Arturos. Contatei minha rede de colegas e familiares e adquirimos algumas rifas (Figura 5).

Figura 5*Rifa Ação entre Amigos Comunidade Quilombola dos Arturos*

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em 23 de setembro de 2020, eu tinha uma entrevista marcada com um membro de Arturos. Encaminhei mensagem naquela manhã e fiquei muito triste com a resposta "[10:53, 23/09/2020] Arturos N.: Olha acabamos de perder um familiar de covid na comunidade e estamos muito tristes com essa situação".

Em seguida, encaminhei mensagem para os demais membros que eu tinha contato e ofereci o suporte possível. Ficou muito evidente a dor pela perda. Também ficou claro para mim, o senso de comunidade, a perda era do coletivo.

[10:53, 23/09/2020] Arturos M.: Pois é, a gente acabou de receber a notícia que a pessoa que está internada não aguentou não. Acabou de falecer mesmo. Então assim vai ser um momento muito difícil pra nós...

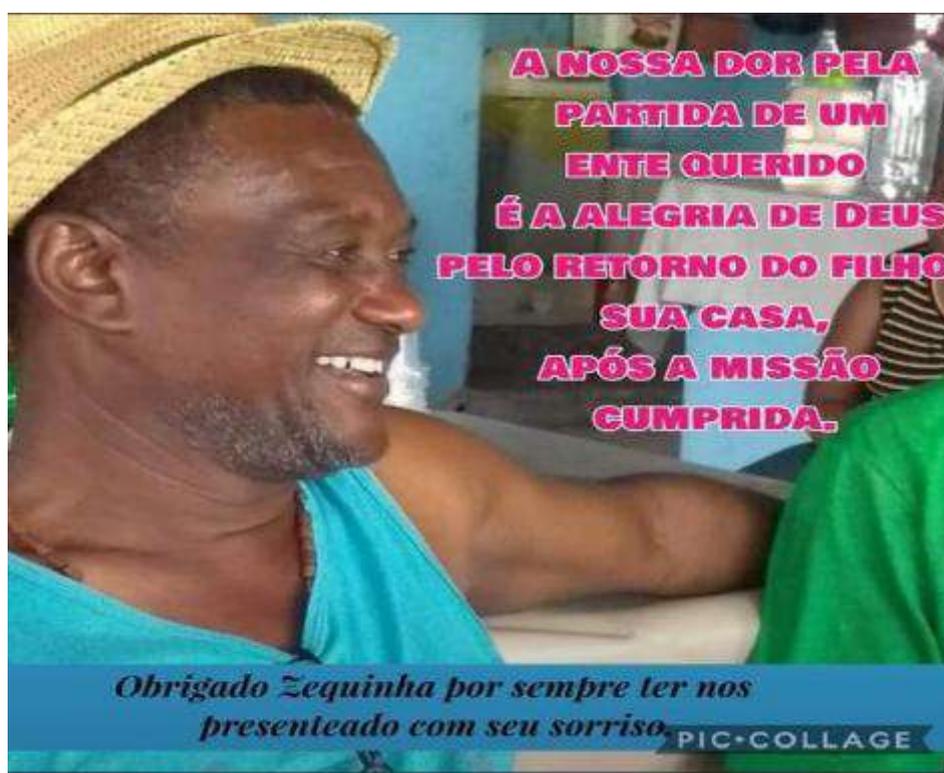
[19:22, 23/09/2020] Arturos C.: Foram tantas coisas acontecendo aqui na Comunidade que a mensagem foi ficando pra trás

Afetou-me profundamente essa perda de Arturos. Foi a primeira perda por COVID próxima a mim. Fiquei bem reflexiva também sobre a despedida. Os velórios e

enterros estão limitados. Como a comunidade iria despedir-se dos seus? Como vivenciar o luto? "... pensando na despedida nessa época. Está tão complicado que nem velório pode fazer apropriadamente. Imagino que isso tbm não deve ser fácil" (Diário de campo, 23 de setembro de 2020). Em 30 de setembro de 2020, quando seria realizada a missa de 7º Dia, recebi por mensagem instantânea a Figura 6. Não conheci o Zequinha, mas ele me pareceu familiar. Como dizem, o astral bateu. Deixo aqui novamente meus sentimentos e respeito à Arturos pela perda. Essa imagem fica eternizada aqui como uma homenagem.

Figura 6

Homenagem Zequinha



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ainda no dia 30 daquele mês, recebi a informação de que a missa de três de outubro estava mantida. Foram quatro dias de muita ansiedade e tensão até a definição se eu estaria presente. Como disse anteriormente, sou grupo de risco para a COVID-19. Arturos havia acabado de perder um membro por complicações

da doença. Eu esperei quase um ano pela oportunidade de vivenciar uma comunidade quilombola, mas valeria o risco? Fui convidada também para participar do candombe, que ocorreu na noite do dia dois. Contudo não pude comparecer por causa do trabalho. Mas, na manhã do dia três, mesmo com medo, solicitei um carro em aplicativo e fui pra Arturos.

Quando o carro chegou em Arturos, a primeira coisa que eu pensei foi: “Olha, mas eles estão realmente na cidade!” Claro que eu já sabia, mas a constatação in loco é diferente. Um território gigante cercado por bairros de classe média (Figura 7). O carro adentrou na porteira da comunidade, desceu a rua principal. Enquanto o carro descia, percebi que as pessoas olhavam desconfiadas. Logo pensei que o motivo era conferir quem era, porque, afinal, a faixa de aviso sobre a não entrada ainda estava lá na porteira. Observei também que as casas da comunidade eram modestas. O carro me deixou pouco acima da igreja. Enquanto eu caminhava até a lateral da igreja, onde a missa ocorria, percebi que as pessoas olhavam, afinal não me conheciam. A missa tinha acabado de iniciar.

A missa ocorreu no espaço aberto entre a igreja e a Casa Paterna. Foi instalada uma grande tenda porque o sol estava quente e o teto da tenda foi todo decorado com bandeirolas em branco, rosa e azul, nas cores de Nossa Senhora. No espaço reservado para a celebração, havia vários bancos de madeira ocupados, mas com preocupação de dentro do possível respeitar um distanciamento. O padre G. celebrava a missa num altar improvisado, mas belamente decorado, era perceptível o cuidado e amor investido. Só, à sua esquerda, em sua cadeira de rodas, estava Seu Mário. Todos estavam de máscara.

pessoa estranha no espaço. Os cumprimentei e percebi que, apesar de terem sido muito educados, estavam um pouco arredios à aproximação.

Percebi que na entrada da área decorada, havia duas mulheres recepcionando as pessoas: uma portando álcool 70 para desinfecção das mãos e uma com medidor de temperatura. Subentendi que era o procedimento para adentrar na missa. Elas me viram, trocamos sorrisos (sob máscaras), nos aproximamos, e após mãos higienizadas e temperatura aferida, me apresentei. Disse que fui convidada por Arturos M. e aí todos sorriram (inclusive os que estavam desconfiados minutos antes), me convidaram pra entrar na missa, sentar e me mostraram onde estava Arturos M. que eu não conhecia pessoalmente. Agradei a recepção e disse que ficaria na área externa, elas me convidaram para um café depois da missa na Casa Paterna. Enquanto a missa acontecia, observei pessoas em quatro carros, em momentos distintos, perguntando se o Seu Mário estava realizando atendimento, membros da Comunidade prontamente responderam que por causa da pandemia ele não estava atendendo e que, por hora, não havia data para retomada.

A missa seguiu seu rito convencional e, ao fim, o neto mais velho do patriarca fundador foi convidado para fazer o discurso de encerramento. Era também dia de seu aniversário. Foi um discurso emocionado, lembrou-se da tristeza pela interrupção das festividades e a alegria por terem conseguido realizar a missa no dia que estava programada a grande festa da Nossa Senhora do Rosário. Era palpável o alívio e alegria por, de alguma forma, o rito estar sendo cumprido. Trouxeram assim as caixas, tambores ancestrais utilizados pelas Guardas de Arturos. E vieram os cantos. Rememorando os fatos, revivo a sensação do dia: foi muita emoção. Chorei! Imediatamente sofri pela perda imaterial causada pela pandemia, as festividades de 2020 não aconteceriam mais.

Após encerramento dos cantos, todos foram convidados para um café da manhã na Casa Paterna. Observei que os homens se organizaram para levar Seu Mário

de carro até sua casa. Providenciaram o veículo de transporte, o colocaram no carro e partiram. Adentrei na tenda, me apresentei à Arturos M., que me apresentou a outros membros da Comunidade. Lanchamos as quitandas de receitas tradicionais da comunidade, fabricadas voluntariamente pelas mulheres de Arturos que dominam a cozinha comunitária (localizada na Casa Paterna). Conversei bastante com elas. Senti-me confortável e acolhida. Sentei-me próxima da entrada da Casa Paterna e observei os homens de Arturos desmontando o espaço em que a missa foi realizada, guardando os itens na Igreja ou entregando a seus respectivos donos. Conversei bastante com eles também. Achei engraçado que vários disseram: “Te conheço de algum lugar.” Na verdade, a gente não se conhecia, mas esse sentimento de familiaridade tornou a experiência muito leve e prazerosa.

Reencontrei-me com Arturos M., ela foi me apresentar a Igreja. Que emoção! A igreja é em rosa e azul. O teto é decorado com bandeirolas em rosa, azul e branco. As paredes ostentam fotos e registros da história da comunidade: fotos da Guarda, do Candombe, das Festas, do Fundador e de seus filhos. Ao fundo da igreja, o altar. O altar é muito impressionante. Além da Imagem de Nossa Senhora, as Coroas e Cetros usados nas festividades de Arturos lá estavam depositados. Arturos M. me mostrou com orgulho sua coroa. Ela me convidou para conhecer a comunidade e caminhamos pela rua até chegarmos à casa do Seu Mário.

Seu Mário estava em sua cadeira sentado na varanda. “Curioso que o mais velho estava literalmente cercado. Com fita de proteção em volta pras pessoas não se aproximarem” (Diário de campo, três de outubro de 2020). Sentei-me no beiral da varanda juntamente com sua esposa, respeitando a distância de segurança, e iniciamos uma boa conversa. Ouvi a frase da acolhida “Mas parece tanto que eu te conheço de antes. Mesmo que não seja, você é bem-vinda viu.” Durante este tempo, chegaram dois novos carros buscando benzeção, o filho mais velho entrevistou informando que não estavam sendo realizadas. Observei também que

todos os membros de Arturos que passavam à porta de sua casa, os cumprimentavam e pediam a benção. Seu Mário almoçou na sombra da varanda. Fui convidada por Arturos M. para o almoço com sua família, mas aí já era a hora de partir. Fui convidada para participar da carreata de Nossa Senhora do Rosário que seria realizada na manhã seguinte (Figura 8). Combinamos que eu verificaria com minha família o transporte, já que não dirijo e não seria adequado compartilhar veículo com terceiros, considerando o cenário pandêmico. Chamei um carro de aplicativo, me despedi e retornei para casa.

Figura 8

Convite Carreata de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Conversei com a minha família e entendemos que não seria viável comparecer à carreato no dia quatro e iniciei os protocolos de isolamento. Contatei Arturos M., agradei o convite, expliquei os motivos e declinei. Ela entendeu minhas razões, mas vídeos foram feitos e pude acompanhar depois a procissão. Foi realizado o sorteio das rifas e não ganhamos o prêmio. Mas, tudo bem, ganhei mais.

[18:53, 06/10/2020] ... Muito obrigado a todos que participaram da rifa do meu quilombo!

Eles conseguiram juntar uma grana legal que vai ajudar nos projetos deles.

Fez toda diferença no meu contato com eles, pq afinal virou uma parceria, e eles, ao entenderem isso abriram (literalmente) as portas pra mim

Então #gratidão

PÓS-AQUILOMBAMENTO

Mantive contato periódico com membros de Arturos após essa visita. As conversas fluíram ainda mais facilmente e a coleta de dados para construção da história da Comunidade avançou.

A Comunidade continuou elaborando estratégias para preservação da sua cultura tradicional e na difusão dos saberes. Assim, em 13 de dezembro de 2020, Arturos realizou o “Roçado e Limpeza de seu território”, mesma data em que aconteceria a tradicional “Festa do João do Mato”, a qual foi cancelada em decorrência da pandemia provocada pela COVID-19. A Festa do João do Mato consiste em reviver o rito agrário que se traduz na expulsão da figura coberta de mato, símbolo da vegetação daninha que nasce sem ser semeada e que deve ser retirada por meio da capina e do roçado. Esta ação contou com a união dos membros da família Arturos que, durante o roçado e a limpeza, rememoraram os cantos da Festa do João do Mato, atendendo aos protocolos de prevenção ao contágio.

Com o avanço da pandemia, as estratégias de enfrentamento de Arturos foram aprimoradas. Algumas medidas emergenciais foram tomadas com o apoio da Prefeitura Municipal, por intermédio da Secretaria Municipal de Saúde e da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, numa tentativa de conter o avanço do vírus dentro do território quilombola. Dentre as medidas de enfrentamento, a Comunidade criou um Comitê Interno de Combate ao coronavírus composto por membros da Diretoria da Comunidade, responsável pelo mapeamento e monitoramento dos casos positivos e dos casos suspeitos, e pela elaboração e divulgação de um Boletim Epidemiológico. Do início da pandemia até o dia 10 de janeiro de 2021, data da publicação do primeiro Boletim Epidemiológico (Figura 9), houve 21 casos na família Arturos, dos quais 15 eram de pessoas residentes dentro do território da Comunidade e seis residentes fora da Comunidade. Foram relatados também dois óbitos em decorrência do coronavírus, o primeiro, em setembro de 2020 já mencionado e o segundo em janeiro de 2021. Também foi editado um decreto por parte do Comitê, do Conselho e da Irmandade Nossa Senhora do Rosário da Comunidade Quilombola dos Arturos de Contagem estabelecendo regras a serem seguidas pelos moradores da Comunidade Quilombola.

Figura 9

Boletim Epidemiológico Comunidade Quilombola dos Arturos de 10 de janeiro de 2021



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos)

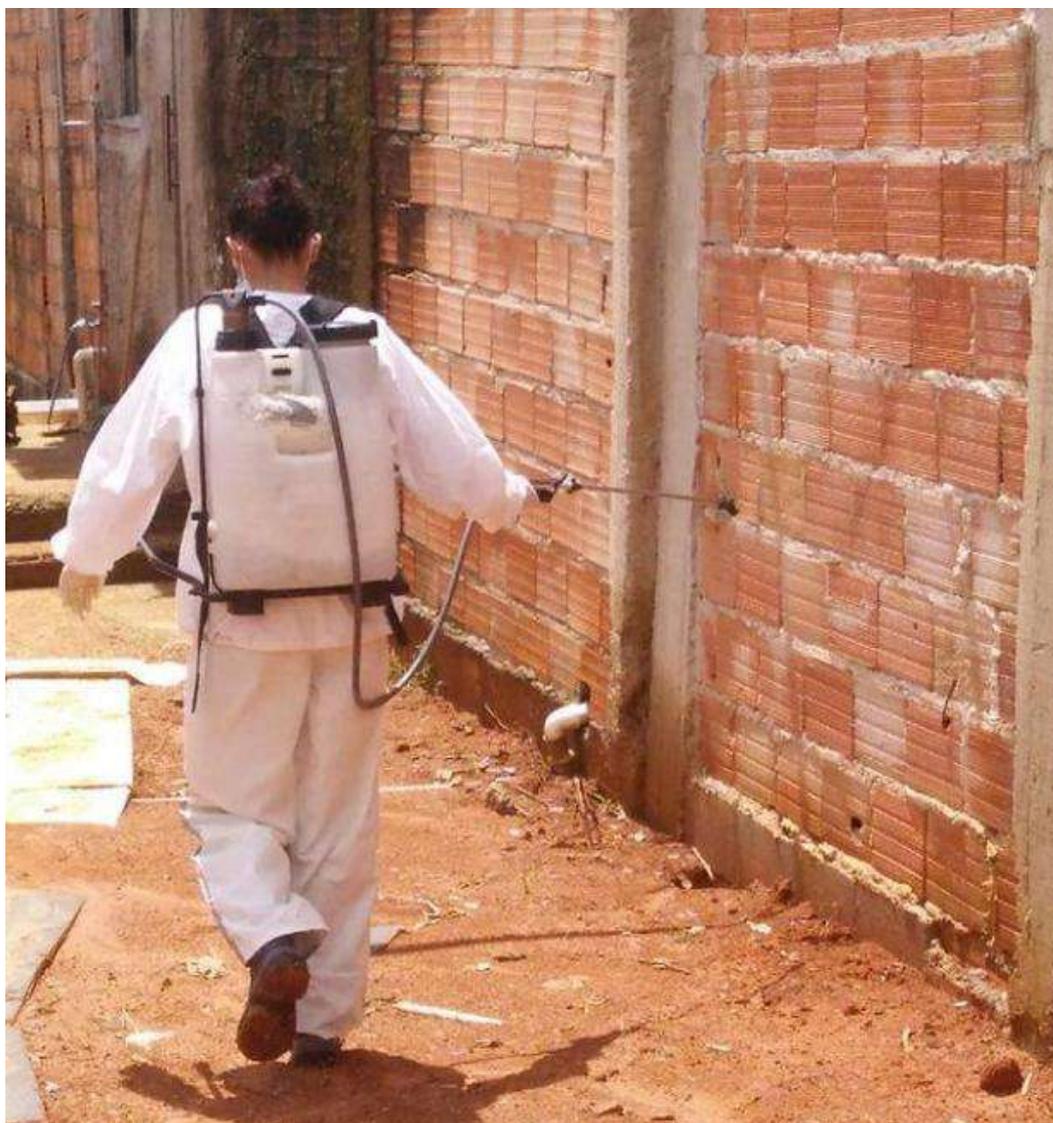
Foram reforçadas as orientações quanto ao isolamento domiciliar, distanciamento social, sobre o uso correto das máscaras, higienização das mãos, instalação de novas faixas informativas, mutirão de consultas nas UBS, disponibilização de material de proteção, visitas domiciliares pelos agentes de saúde. Em 11 de janeiro de 2021, foi realizada, pelas Secretarias Municipais de Saúde e de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura Municipal, a desinfecção das casas na Comunidade (Figuras 10 e 11).

Figura 10

Desinfecção Comunidade Quilombola dos Arturos



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

Figura 11*Desinfecção Comunidade Quilombola dos Arturos*

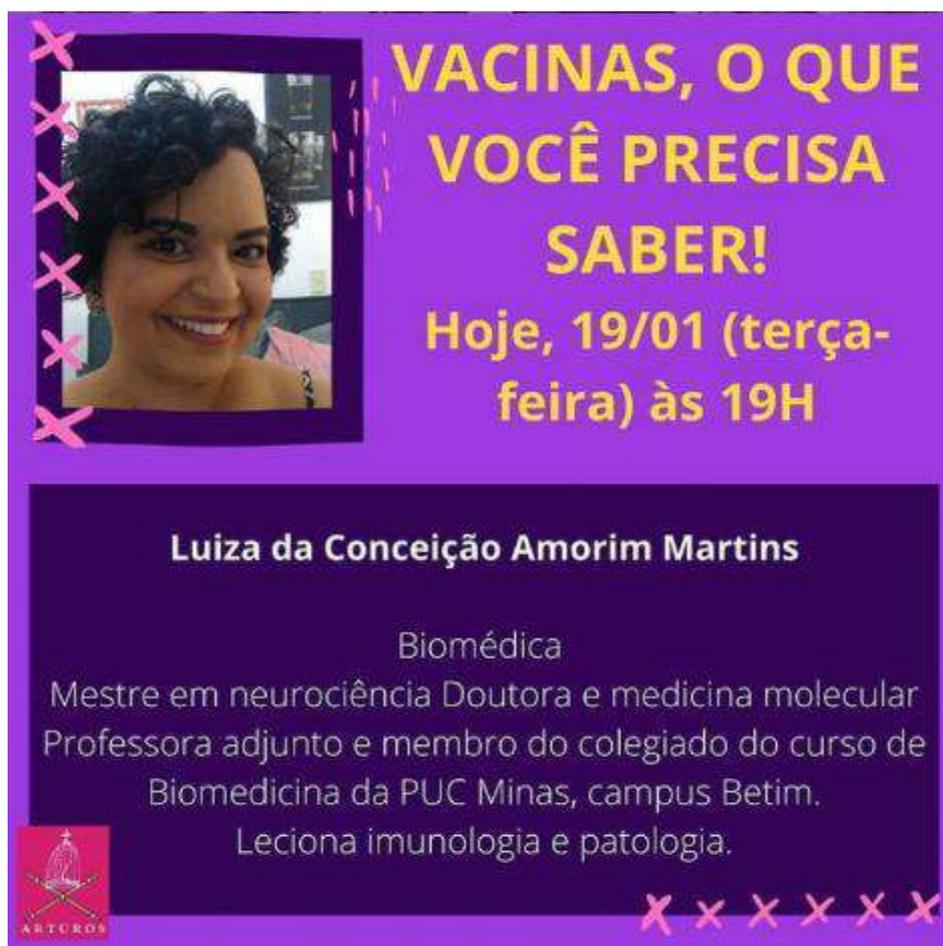
Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

Em 17 de janeiro de 2021 ocorreu um marco no enfrentamento à COVID: uma mulher, negra e enfermeira da linha de frente foi a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil. Mônica Calazans, de 54 anos, recebeu o imunizante CoronaVac, vacina brasileira desenvolvida no Instituto Butantan, após a aprovação do uso emergencial pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Atentos aos sopros de boas novas, o Comitê Interno de Combate ao Coronavírus dos Arturos

providenciou para 19 de janeiro de 2021 uma palestra online, ministrada pela Dra. Luiza da Conceição, voltada para os membros da comunidade sobre o tema vacinas (Figura 12). O objetivo era sanar dúvidas, incertezas e fake news em relação à imunização contra a COVID-19.

Figura 12

Convite Palestra Vacinas Comunidade Quilombola dos Arturos



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos)

Cinco meses após o protocolo do ADPF 742, o STF colocou a ação em pauta. A ADPF 742 foi distribuída ao ministro Marco Aurélio de Mello, sendo colocada para votação pelo plenário virtual do STF no dia 12 de fevereiro de 2021. De imediato, o ministro relator publicou o seu voto com relação às solicitações: emitiu decisão favorável. Dentre suas determinações ao Estado brasileiro está: a inclusão da

população quilombola nos relatórios de monitoramentos realizados pelas autoridades sanitárias, bem como o registro do quesito raça/cor/etnia; a constituição de grupo de trabalho interdisciplinar e paritário com a participação da CONAQ, com a finalidade de debater, aprovar e monitorar a execução do Plano e assegurar o monitoramento que retrate a situação da população quilombola acometida pelo contágio da COVID-19; a formulação do plano nacional de enfrentamento da pandemia no que concerne à população quilombola. Contudo, o relator deixou de fora parte de demandas importantes, como a proteção do direito de posse dos territórios tradicionais das comunidades ameaçadas de despejos e medidas de acompanhamento da elaboração e implantação pelo poder judiciário visando à eficácia desta determinação judicial. Os demais ministros tiveram o prazo de cinco dias úteis para se manifestarem.

A decisão ocorreu em 23 de fevereiro pelo Plenário da Corte. O STF determinou que o Governo Federal elaborasse, no prazo de 30 dias, o plano nacional de enfrentamento da pandemia da COVID-19 voltado à população quilombola, com a participação da CONAQ, com providências e protocolos sanitários para assegurar a eficácia da vacinação na fase prioritária. O programa deve ainda contemplar providências visando à ampliação das estratégias de prevenção e de acesso aos meios de testagem e aos serviços públicos de saúde, ao controle de entrada nos territórios por terceiros, considerado o isolamento social comunitário, e à distribuição de alimentos e material de higiene e desinfecção.

O plenário ainda ordenou a inclusão do quesito raça/cor/etnia no registro dos casos de Covid-19, sendo assegurada a notificação compulsória dos casos confirmados e a ampla e periódica publicidade. Além disso, o Governo Federal fica impedido exclusão dos dados públicos relativos à população quilombola e deverá restabelecer, também no mesmo prazo, o conteúdo das plataformas públicas de acesso à informação. Os ministros decidiram suspender todos os processos judiciais do país que envolvam a disputa de posse e propriedade ou

que questionem a titulação de terras quilombolas, sem prejuízo dos direitos territoriais das comunidades quilombolas, até o término da pandemia.

Quanto à vacinação, o STF constatou que o Governo Federal incluiu os povos quilombolas na fase prioritária, mas limitou-se a fazer indicação genérica, sem prever protocolos sanitários voltados à efetividade da medida, nem articular ações programáticas a fim de evitar descompasso nas unidades da Federação. À época da aprovação da ADPF 742, o levantamento Quilombos Sem COVID apontava 4,9 mil casos e 210 óbitos por COVID entre os quilombolas. Mais do que um documento de denúncia do racismo como estrutura de hierarquização social, a ADPF 742 recupera o programa constitucional formulado por quilombolas, em 1988, e aponta sentidos para sua reconstrução hoje.

Na prática, a aplicabilidade da ação não acompanhou em sua totalidade essa vitória judicial: em 15 de março os quilombolas constavam como prioritários na última versão do Programa Nacional de Imunizações (PNI), contudo, apesar dos quilombolas constarem como prioridade no papel, havia falta de transparência quanto ao período em que essas populações seriam imunizadas. O estudo do Observatório Direitos Humanos Crise e Covid-19 mostrou que, no caso dos povos de comunidades quilombolas, apesar de figurarem entre os primeiros a serem vacinados na maior parte dos estados, menos de 4% foram imunizados em março. Até o momento, Arturos não havia sido imunizada. A Diretoria de Arturos divulgou, em 24 de março de 2021, o último Boletim Epidemiológico de Arturos (Figura 13), onde constatou-se 38 casos confirmados e dois óbitos, em decorrência do coronavírus, o primeiro em setembro de 2020 (já mencionado) e o segundo em janeiro de 2021.

Figura 13

Boletim Epidemiológico Comunidade Quilombola dos Arturos de 24 de março de 2021



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos)

Em 25 de março de 2021, o Ministério da Saúde divulgou o Plano Nacional de Operacionalização para vacinação das comunidades quilombolas, entretanto, o plano não contemplava a totalidade da população quilombola, utilizando números subdimensionados. Após apontamento dessa realidade pela CONAQ, o Governo Federal reconheceu esse fato e solicitou em ofício aos coordenadores estaduais de imunizações, o envio dos dados atualizados dos Povos e Comunidades Tradicionais Ribeirinhas e Quilombolas, por município, fonte e data de atualização para revisão das estimativas apresentadas.

No dia primeiro de abril de 2021, recebi uma excelente notícia: a vacina contra COVID-19 havia chegado em Arturos! Eu fiquei eufórica com a chegada do Plano Nacional de Operacionalização de Vacinação contra a Covid-19 à comunidade (Figuras 14 e 15). Essa imunização foi muito desejada e esperada. Aqui, eu poderia contar como foi esse evento para a Comunidade, mas entendo que ninguém melhor para contar do que eles:

Gratidão aos profissionais da saúde da @prefcontagem que com todo carinho fazem parte deste dia histórico, a organização da @conaquilombos e a todos os quilombos que juntos resistimos às diversas formas de racismo e de privação de direitos. Hoje o nosso coração transborda de alegria, receber a primeira dose da vacina contra o Covid reafirma a necessidade de continuarmos na luta e na resistência. A Arguição de Descumprimento de Preceito legal n* 742 reconheceu o direito à implementação de medidas para combater o COVID-19 diante das vulnerabilidades sociais das comunidades, agravadas neste período pandêmico.

A articulação da @conaquilombos foi essencial para que na data de hoje pudéssemos ser vacinados. (Instagram Comunidade de Arturos, 1º de abril de 2021)

Figura 14

Imunização COVID Comunidade Quilombola dos Arturos em primeiro de abril de 2021



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

Eu fui acometida pela Covid-19 há dois meses e tive muito medo de morrer porque o sentimento que nós temos quando isso acontece dentro de uma comunidade quilombola é que a perda de um quilombola é a perda de uma memória, é a perda de uma raiz, porque nós vivemos em comunidade, vivemos muito próximos um dos outros, então o sentimento foi de muito medo”, expressou ela. “E hoje poder estar vacinada dentro do quilombo é uma gratidão imensa que não cabe dentro. E reafirmar nosso compromisso de fortalecer, difundir, promover a nossa cultura, de trazer a importância que se tem de preservar as nossas raízes, as nossas tradições, as nossas festividades e tudo aquilo que está envolvido dentro do nosso sagrado, tudo que está envolvido dentro do nosso quilombo. Gratidão a todos os envolvidos que contribuíram para que hoje que essa vacina chegasse ao nosso quilombo e a mensagem que eu

deixo é que hoje nós estamos sendo vacinados, mas a esperança é que a vacina venha para todos, porque vidas negras importam, vidas quilombolas importam e todas as vidas importam. Então, a nossa mensagem é que a vacina chegue para todos. E gratidão. (Graciele Nayara Silva, Instagram Prefeitura de Contagem, 1º de abril de 2021)

Figura 15

Imunização COVID Comunidade Quilombola dos Arturos em primeiro de abril de 2021



Fonte: Instagram da prefeitura de Contagem.

Em 17 de abril de 2021, ocorreu a segunda etapa de vacinação em Arturos (Figura 16). Nesta ação, a Prefeitura Municipal aplicou a segunda dose aos vacinados no dia primeiro, bem como foram atendidos aqueles que não conseguiram ser vacinados na primeira etapa. Arturos cedeu seu espaço para que a Secretaria de Saúde Municipal pudesse, além deles, imunizar também os quilombolas de Águas Claras que residem no mesmo município.

Figura 16

Imunização COVID Comunidade Quilombola dos Arturos em 17 de abril de 2021



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos)

RESISTÊNCIA QUILOMBOLA!

A chegada da imunização nas comunidades quilombolas representam um conjunto de esforços de movimentos negros e instituições, como a CONAQ, que valorizam e reconhecem a importância da política pública de reparação histórica. É desvelar para o restante da população que as CRQ são espaços de resistência e que retratam, por meio de seus saberes, práticas e ofícios, as suas tradições e identidade cultural herdada de seus ancestrais.

É exatamente nestes momentos de crise que afetam desproporcionalmente os quilombolas, que ficam evidentes que as CRQ foram forçadas nas lutas da população negra pela sobrevivência. As suas existências foram materializadas por práticas de liberdade, igualdade e cidadania como condições fundamentais para defesa dos seus territórios e da viabilização da vida.

A redução das disparidades sociais é uma ação fundamental no enfrentamento à pandemia. A Comunidade de Arturos é retrato da identidade cultural e das tradições ancestrais. Garantir sua imunização (e das demais CRQ) é reconhecer o impacto dos determinantes sociais de saúde e das (in)decisões governamentais nas condições de vida desta população. “Imunizar Arturos é preservar a vida, a história e a memória deles, dos seus, dos nossos e dos meus. A alegria é tanta que parecia que o braço era meu” (Diário de Campo, 1º de abril de 2021).

SOBRE (RE)COMEÇOS...

Como parte de minha implicação na pesquisa – e em respeito aos princípios éticos pertinentes – minha pesquisa de dissertação bem como outros produtos derivados (como artigos científicos) foram encaminhados à Comunidade de Arturos. Também assegurando o retorno social desta, foi encaminhada aos órgãos da sociedade civil, como a CONAQ e a N’Golo, e órgãos governamentais, como o IEPHA e Secretaria Municipal de Cultura do município de Contagem. Espera-se que, com a divulgação dos resultados desta, o conhecimento ultrapasse os muros da academia e fortaleça o compartilhamento do saber construído.

Minha convivência com Arturos durante o período de construção da minha dissertação foi intensa e, em tempos de pandemia, vivenciei com muita proximidade as angústias, medos e anseios da Comunidade dos riscos de contaminação pelo vírus no seu território. Nas palavras de um membro da comunidade, “porque a gente sabe que se aparecer um não vai ficar só em um, porque tá todo mundo junto o tempo todo sabe”. A Comunidade cercou-se de

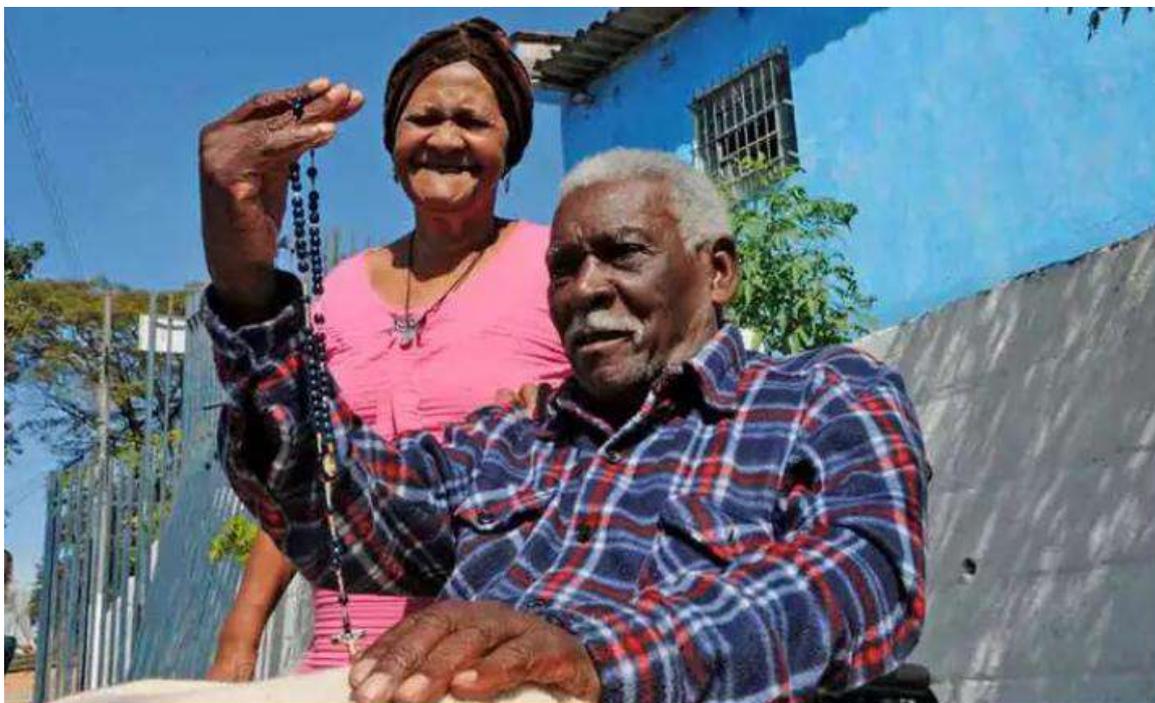
todos os cuidados, mas, ainda assim, sofreu duas grandes perdas na primeira quinzena de maio de 2021: o patriarca-beneditor, Seu Mário e sua esposa, a matriarca Dona Dodora (Figura 17). A comoção foi imensa. Centenas de menções nas redes sociais. Parecia, sim, que um parente tinha partido.

Eu não canso de pensar na perda que essas vidas representam. Para as famílias, para Arturos, para a sociedade, para todos nós. Eu não canso de pensar que se as vacinas tivessem chegado muito antes e a imunização tivesse ocorrido também antes, essas e outras perdas poderiam ter sido evitadas. Essas mortes têm um responsável, com nome e sobrenome. E em honra e em memória aos que se foram, lutamos! Contra as estatísticas e o desejo do impronunciável, seguimos! Pelos nossos e por nós!

#lutonoquilombo

Figura 17

Seu Mário e Dona Dodora



Fonte: Instagram da Comunidade Quilombola de Arturos (@quilombo.dos.arturos).

CARTA ESPECIAL

“Querida Pesquisadora,

Início esse texto a partir de uma linguagem literária porque tenho convicção que o universo das letras nos proporciona um certo deslocamento que um discurso formal talvez não consiga alcançar. Por isso, peço licença aos mais velhos, aos nossos ancestrais e todas as mulheres negras para lê o poema VOZES MULHERES de Conceição Evaristo:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si

a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

Conceição, por meio deste poema, atravessa toda a nossa história de quem sofre com a violência e com os controles sociais. Este poema, nos sugere estarmos alerta as vozes que são caladas a todo momento pelas relações hegemônicas de poder.

Aqui em Arturos aprendemos diariamente com os mais velhos formas de resistir e de lutar contra as opressões impostas pelo racismo estrutural tão latente, aqui saímos às ruas em manifestações às nossas tradições, legados, saberes, oralidade como: a Festa da Abolição da escravatura, a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, o Candombe, a Festa do João do Mato, a Folia de Reis, as apresentações artísticas do Grupo Arturos filhos de Zambi, o batuque, e as atividades recreativas do Ponto de Cultura da Comunidade que se faz um importante espaço de resistência cultural por meio do nosso Patrimônio Material e imaterial e com propulsão de ações de reparação histórica.

Como mulher preta e Artura, aproveito esta oportunidade para ocupar a representatividade do lugar de fala e nesta valorosa condição expresso o sentimento de pertencimento a este lugar e a importância de não apagarmos as marcas da negritude na nossa corporeidade, falando sempre em continuidade à aqueles que nos antecederam e abriram espaços para nós.

Somos resistências, somos sobreviventes de um processo que jamais se pensou na libertação do nosso povo, sabemos que a abolição foi uma tentativa, ou seja, um acordo para que não houvesse a reforma agrária, esse acordo serviu para expulsar os negros de suas terras. Hoje lutamos para garantir o mínimo de

reparação por parte do Estado porque tudo que aqui se construiu tem mãos e sangue negro.

Nós pretas e pretos descendentes de Artur Camilo Silvério e de Carmelinda Maria da Silva fundadores da nossa Comunidade Quilombola dos Arturos pautamos nossas relações sociais no respeito a história de nossos ancestrais, na educação que nos transforma e na valorização desses líderes negros da nossa história que são reais.

Aqui para nós a terra é sagrada, somos guardiões da cultura, do nosso território que preservamos, e lutamos cotidianamente em sua defesa contra as especulações imobiliárias.

Ainda, estamos invisibilizados nos livros didáticos e nos espaços de poder, por isso resistimos e não desistimos.

Recentemente, perdemos dois líderes espirituais da nossa Comunidade, Tio Mário Braz e Tia Maria Auxiliadora para a COVID-19 a dor do luto é presente em nossos corações, perdemos um quilombola perdemos uma memória. Assim, reforça a nossa responsabilidade enquanto povo preto de dar continuidade ao nosso legado e mesmo com tantas incertezas que o mundo nos apresenta temos a certeza que após a pandemia voltaremos a difundir as nossas tradições a essa nação.

Somos o que somos em virtude daqueles que vieram antes de nós, sempre foi e sempre será nós por nós.

Carinhosamente”.

REFERÊNCIAS

Carreiro, Teresa C. O. & Barros, Vanessa A. (2014). Intervenção psicossociológica. In Pedro F. Bendassolli & Liz A. P. Sobol (Orgs.). *Métodos de pesquisa e intervenção em psicologia do trabalho: clinicas do trabalho* (pp. 101-128). São Paulo: Atlas.

CONAQ, Isa. (2020). *Observatório da Covid-19 nos Quilombos*. Quilombo sem Covid-19. Recuperado em 6 julho, 2020 de: <https://quilombossemcovid19.org>.

CUT. (2020). Covid-19 se alastra pelos quilombos: 17 mortos e 63 casos confirmados. *CUT*. Recuperado em 6 julho, 2020 de: <https://www.cut.org.br/noticias/covid-19-se-alastra-pelos-quilombos-17-mortos-e-63-casos-confirmados-6ead>.

Evaristo, C. (2020). A escriturivência e seus subtextos. In Constância L. Duarte & Isabella R. Nunes (Orgs.). *Escriturivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 26–47). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.

Evaristo, Conceição (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala.

Evaristo, Conceição (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Marcos A. Alexandre (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teóricas, práticas e suas interfaces* (pp. 16–21). Belo Horizonte: Mazza.

Paixão, Aline M. P. (2014). *"Aqui todo mundo é parente": dinâmica territorial, organização social e identidade entre os quilombolas de Mituaçú, PB*. Trabalho de Conclusão de Curso, João Pessoa, PB, Brasil.

Rheume, Jacques (2009). Relato de vida coletivo e empoderamento. In Norma M. Takeuti & Christophe Niewiadomski (Orgs.). *Reinvenções do sujeito social: Teorias e Práticas Biográficas* (pp. 166-190). Porto Alegre: Sulina.

Soares, Lissandra V. & Machado, Paula S. (2017). "Escrivivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Revista Psicologia Política*, 17(39), 203-219.

Valente, Jonas (2020). Covid-19: Brasil chega a 1,1 milhão de casos e 51,2 mil mortes. *Agência Brasil*. Recuperado em 22 junho, 2020 de: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>.

Xavier, Carine R. P. & Franzoni, Tereza M. (2016). Narrativas quilombolas: o resgate e potencialidade criadoras dos saberes da terra das mulheres idosas da Comunidade Quilombola Adelaide Maria Trindade Batista, no município de Palmas-Paraná. *Anais da Jornada Latino-Americana de Estudos Teatrais*, Blumenau, SC, Brasil, IX.

ARTUROS, A COVID E EU: ESCRIVÊNCIAS DO CAMPO

Resumo

Neste artigo, objetiva-se relatar como se desenvolveu meu processo de implicação com a Comunidade Quilombola dos Arturos, durante a construção da minha dissertação realizada no período pandêmico. Para registro do tempo presente, do contexto em que a pesquisa foi realizada e para explicar como ocorreu o encontro desta pesquisadora com Arturos, tomei a liberdade de utilizar a escrevivência (Evaristo, 2020), da qual me apropriei para discorrer neste. Para tanto, além da minha memória e lembranças, recorri aos registros do meu Diário de campo, mensagens trocadas em aplicativo de mensagens instantâneas e fontes documentais como jornais e websites. Os nomes dos sujeitos que perpassaram o período relatado na escrevivência – novembro de 2019 a abril de 2021 —, foram preservados, utilizando-se o lugar social em que convivemos para designá-los. As fotografias foram utilizadas para ilustrar a escrevivência e rememorar os eventos.

Palavras-chave

Escrevivência. Quilombo. COVID-19.

ARTUROS, COVID Y YO: ESCRIVÊNCIAS DE CAMPO

Resumen

En este artículo, relato cómo se desarrolló mi proceso de involucramiento con la Comunidad Arturos Quilombola durante la construcción de mi disertación en el período de la pandemia. Para registrar el tiempo presente, el contexto en el que se realizó la investigación y explicar cómo se produjo el encuentro de esta investigadora con Arturos, me tomé la libertad de utilizar la *escrevivência* (Evaristo, 2020), de la que me apropié para este artículo. Para ello, además de mi memoria y mis recuerdos, recurrí a los registros de mi Diario de Campo, a mensajes intercambiados en aplicaciones de mensajería instantánea y a fuentes documentales como periódicos y páginas web. Los nombres de los sujetos que impregnaron el periodo relatado en la *escrevivencia* – noviembre de 2019 a abril de 2021 – fueron preservados, utilizando el lugar social en el que convivimos para designarlos. As fotografías foram utilizadas para ilustrar a *escrevivencia* e rememorar los eventos.

Palabras clave

Escrevivencia. Quilombo. COVID-19.

ARTUROS, COVID AND MYSELF: ESCRIVÊNCIAS FROM THE FIELD

Abstract

In this article, I report on how my process of involvement with the Arturos Quilombola Community developed during the construction of my dissertation during the pandemic period. To register the present time, the context in which the research was conducted and to explain how this researcher's encounter with Arturos occurred, I took the liberty of using *escrevivência* (Evaristo, 2020), which I appropriated for my dissertation. To this end, in addition to my memory and recollections, I resorted to the records in my Field Journal, messages exchanged on instant messaging applications, and documentary sources such as newspapers and websites. The names of the subjects who pervaded the period reported in the *escrevivencia* – November 2019 to April 2021 – were preserved, using the social place in which we lived to designate them. Photographs were used to illustrate the writing experience and to remember the events.

Keywords

Escrevivencia. Kilombo. COVID-19.

CONTRIBUIÇÃO

Hellen Cordeiro Alves Marquezini

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Comunidade Quilombola dos Arturos pelo compartilhamento das memórias, histórias e vivências que viabilizou a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Marquezini, Hellen C. A. (2022). Arturos, a covid e eu: escrituras do campo. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(26), 779-825.